

Jean-François Chassay
Au cœur du sujet
Imaginaire du gène

Le Quartanier Erres Essais


CHASSAY, Jean-François.
Au coeur du sujet: imaginaire
du gène. Montréal: Le Quar-
tanier, coll. Erres essais,
2013. 382 p.

Vanessa Costa e
Silva Schmitt¹

*Submetido em 17 de fevereiro e
aprovado em 3 de agosto de 2014.*

Há bastante tempo Jean-François Chassay vem se destacando como um dos principais pensadores americanos das relações entre ciência e literatura. Professor no

Département d'études littéraires da Université du Québec à Montréal (UQÀM), ele novamente aposta, no seu último ensaio, no tema fascinante dos interstícios entre a ficção contemporânea e o universo científico.

Ensaísta e romancista consagrado no Quebec, Chassay, com toda maturidade que lhe cabe e com a naturalidade de poucos, expõe-se nesta obra sem no entanto causar constrangimentos. *Au coeur du sujet: imaginaire du gène* deve a sua parcela de subjetividade aos distúrbios de saúde apresentados pela filha do autor. Motivado por incontáveis leituras informativas e graças à influência de dois autores, o neurologista Oliver Sacks, bem como o intelectual Stephen Jay Gould (cujas presenças perpassam em diversos momentos a obra em questão), todo um conjunto de ideias, fatos, emoções e memórias convergiram para uma nova tessitura, cujo resultado podemos apreciar neste ensaio dividido em três grandes partes.

O primeiro bloco de reflexões, intitulado *De la dégénérescence à l'évolution*, consiste em cinco capítulos, sendo que aos três primeiros (*Penser d'où, La dégénérescence dans tous ses états e À la marge: Pierre Roux...*) corresponde uma abordagem mais histórica do amálgama tecno-científico-ficcional. Neles cabe lembrar que, dentro de uma sequência de pens-

amento lógico/biológico, onde se desenvolveram conceitos fundadores como hereditariedade, genética e evolução, a literatura emerge como reflexão essencial sobre a subjetividade. Ao analisar qual a repercussão de Darwin, Galton e Mendel à sua época, Chassay acaba por se debruçar sobre uma possível definição de um subgênero romanesco, que por sua vez exporia aquilo que ele denomina ficção genética. Por fim, sintetiza que não há antítese entre natureza e cultura, mas sim, que se deve aprender a pensar a primeira, já que dela fazemos parte. Valendo-se de comentários bem-humorados, ainda que muitas vezes mordazes, traça pouco a pouco o pano de fundo de uma literatura universal que, como nos mostra a tradição, deu voz aos temores contemporâneos de degeneração, promoveu sem culpa nem suspeição o eugenismo e relegou à margem aqueles tidos como anormais. No capítulo quarto (*Penser la fiction à travers Darwin*), o exame recai sobre três leituras ficcionais que evocam Darwin e a temática da evolução: *La conspiration Darwin* (DANTON, John), *Galápagos* (VONNEGUT, Kurt) e *Prodigieuses créatures* (CHEVALIER, Tracy), enquanto o último capítulo, *Hérédité, gène, filiation*, é dedicado à análise de *Le conte du biographe*, de A. S. Byatt, o qual entrelaçaria de maneira muito ade-

quada discurso científico e literário.

Um dos méritos do mais recente trabalho teórico de J-F. Chassay reside nos questionamentos que suscita e na quebra de paradigmas que propõe, fundamentos nos quais estão centradas a segunda e a terceira partes do livro.

Começemos por examinar *Corps et esprits en marge*, segundo bloco de ensaios que se inicia pelo instigante capítulo *L'idiot de la famille*. Ousando apropriar-se da fórmula que Sartre confere a Flaubert, Chassay convida-nos a refletir sobre o que é idiotia, senão o próprio *idios* grego, o exótico, o diferente, o outro? O estranhamento seria imposto pelo que convencionamos chamar de bizarro, ou nós mesmos no-lo impomos? Em sua minuciosa crítica de *Parfum de glace* (OGAWA, Yoko) emerge o tema, sempre árduo, do suicídio, enquanto persiste a dúvida quanto o possível autismo do personagem central, Hiroyuki. Cinestesia, espaço, tempo, memória, manipulação: quanto mais desvendamos os enigmas do corpo, da mente, do genoma humano, mais distantes estamos de decifrá-los na sua integralidade. Incompreensíveis e penosas são as conexões familiares quando se trata de deficiência (*handicaps*) e que permeiam a compreensão de duas narrativas de Kenzaburô Ôé concernidas em *Famille, je (ne)*

vous hais (pas). Indissociáveis no tempo e no espaço, os limites entre transtorno mental e arte, entre pulsão de morte e liberdade de ação e expressão, aparecem como fonte de discussão e angústia em *Tout ce que j'aimais* (HUSTVEDT, Siri), romance considerado “*d'une intelligence remarquable*” (*Au coeur du sujet*, p. 219) pelo crítico literário, e ao qual dedica seu capítulo VIII, *Les artistes sont-ils fous?* Se o discurso de Max Nordau fatalmente envelheceu em pouco mais de um século e hoje entendemos a degenerescência como parte de uma lógica caduca, o tema do eugenismo, naquele tempo considerado embrionário e relegado ao plano estatal, ainda causa medo e provoca fantasmas de todo tipo, revisitado agora pela ótica da clonagem, fomentando as mais diversas intrigas literárias. Assim, no capítulo IX, Chassay aborda duas narrativas recentes estruturadas pelo viés da clonagem, *Auprès de moi toujours* (ISHIGURO, Kazuo) e *The Secret* (Hoffman, Eva). Segundo Chassay, ambos escapam à lógica esperada da ficção científica, mas que, à luz do romance psicológico, que poderia ser visto como o mais tradicional, atribuem uma importância capital à genética. (p. 242). Esta segunda sequência de ensaios encerra-se com a análise de *Un amour de monstres* (DUNN, Katherine, Geek love).

Em sua última parte, “*De demain à hier*”, *Au coeur du sujet* traz três capítulos cujos títulos podem promover imediatas associações. Em *Back to the Future*, embora se espere uma alusão direta ao filme de Zemeckis, trata-se nele da análise de uma trama intrincada, onde genética e doutrinação religiosa se confundem, fazendo de *Dune* (HERBERT, Frank) um romance de complexa compreensão e definição. A começar pela sua própria possível categorização enquanto ficção científica (ou não). A fim de facilitar sua vida e a do leitor, no que parece ter êxito, Jean-François Chassay “*envisage donc Dune comme un roman, point*” (p. 307), e a partir de então dedica-se a nele desvendar as múltiplas e intrínsecas visões e expressões de ciência na obra. “*Au coeur du sujet*” encerra as análises propriamente ditas pelo estudo de um dos romances mais significativos da literatura científica: *The Gold bug variations* (POWERS, Richard). Malgrado sua celebridade, suas qualidades intelectuais inegáveis e o fato de ser considerada uma narrativa das mais ancoradas no tema da genética, a obra peca, de acordo com Chassay, pela falta de atratividade em relação a outros romances por ele analisados neste conjunto. Apresentar claros intertextos que extrapolam a

estrutura do DNA, essa é uma das premissas do romance de Powers, que será, por sua vez, comparado à narrativa de James Watson, *La double hélice*, a qual seria “*plus romanesque*”. (*Au coeur du sujet*, p. 350). Chassay ressalta aquilo que podemos ver como um dos méritos de Watson, ou seja, ele inscreve “*la science dans une histoire dont le narrateur est partie prenante, avec ses qualités, ses défauts, et sa complète subjectivité*”. (*Au coeur du sujet*, p. 350). No capítulo seguinte, *L'autobiographie de l'ADN*, que fecha a obra, trata-se ainda de discutir, agora de forma mais ampla e buscando uma compreensão geral do papel da literatura enquanto vetor do conhecimento científico e geradora de opinião, alguns paralelos e dissonâncias dos textos de Powers e Watson. Nele, suscita ainda Chassay, de que forma o gene, enquanto motivador da ficção, pode contribuir para nossa visão do mundo contemporâneo, “*au-delà d'un simple décalque de la réalité scientifique*” (*Au coeur du sujet*, p. 370).

Não restam dúvidas de que somos impotentes e ignorantes diante da natureza. Consola-nos, no entanto, que ficção e ciência não têm limites: nos relatos mais díspares que sua imaginação pode permitir, encontra-se um pouco do ser humano criador, cuja existência

e inteligência são mistérios supremos para além de toda e qualquer sequênciã proteica.

Notas de final

- ¹ Cirurgiã-dentista graduada pela UFRGS, mestre e doutora em Letras pela UFRGS, pesquisadora de pós-doutorado no Département de langue et littérature françaises modernes da Université de Genève (UNIGE), Genebra, Suíça. E-mail: vanessa.costa.schmitt@gmail.com.